

## ZEN-BUDISMO

### Reminiscência

*André G. Lopes*

Aluno do Curso de Doutorado em Ciência da Literatura, UFRJ, 2008.

#### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo introduzir o Budismo através da crítica de seus mais renomados autores e seus totêmicos livros. Também será revelado como e porquê de termos escolhido tal assunto (religião). Contendo também acontecimentos pessoais e de outros, sendo neste último defendido o direito de anonimato.

#### ABSTRACT

This paper aims to introduce Buddhism by criticism of its most renowned authors and their books totêmicos. It will also be shown how and why we have chosen this subject (religion). Containing also personal and other events, and in the latter defended the right of anonymity.

PALAVRAS CHAVE: Religião, Budismo, Filosofia, História.

KEYWORDS: Religion, Buddhism, Philosophy, History.

*“Como impedir que uma gota d'água desapareça ao sol?”*

É muito comum encontrarmos uma “preliminar” em livros que falam sobre Zen-budismo. Esta preliminar nada mais é que um apanhado de pesquisas históricas a respeito da origem do budismo. É claro: “primeiro o que vem em primeiro”, mas para este texto não nos parece necessário transliterar capítulos de história budista e fazer resumos das interpretações de outros autores a respeito de lógica e da filosofia budistas. Como estudiosos desta doutrina gostaríamos de convidar o leitor a caminhar pelo mesmo caminho que trilhamos. Não só recomendaremos alguns livros, por assim dizer, totêmicos, como faremos nossa crítica pessoal a respeito dos mesmos.

O primeiro não poderia ser outro se não *Introdução ao Zen-budismo* de D. T. Suzuki (2003), com prefácio de C. G. Yung. Quem estiver curioso sobre a origem do budismo vai se deliciar com o primeiro capítulo: “Preliminar”. O leitor encontrará aí tudo o que precisa saber sobre a divisão histórica em dois ramos: Hinaiana e Maaiana; conhecerá todas as escolas que surgiram desta última (a Madhyamika de Nagarjuna; a Vijnaptimatra ou Iogacara de Asanga; e a Vsubandhu) e outras escolas surgidas em outros países. Também verá tentativas de tradução fonética da pronúncia (tentativas porque não se utilizou o alfabeto universal, único reconhecido pelos estudiosos e lingüistas para tal efeito). E, no último parágrafo da página 53, o leitor encontrará a frase que nos motivou a escrever este texto do jeito que estamos escrevendo: “a experiência pessoal é tudo no Zen”.

Se fizéssemos o mesmo que vimos em outros trabalhos, que é a transliteração ou resumo de certos textos, acreditamos que estaríamos tirando do leitor a oportunidade de ir diretamente às “fontes primeiras” para ter sua própria opinião. É claro que as fontes estão sempre muito bem assinaladas (e aqui também estão). Mas o que estamos tentando dizer é que a teoria dos livros é muito rica e não nos sentimos à vontade para determinar o que deve entrar e o que deve ficar de fora neste trabalho. Também é importante salientar que a teoria foi escrita de uma maneira bem informal, além de ter um vasto leque de histórias para exemplificar. Foi com base nessas histórias que resolvemos fazer esta *reminiscência*, também com histórias... A nossa história ou experiências pessoais ao longo do estudo.



Dados do censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2000 registram um total de 21.873 budistas em todo o Brasil. É pouco ou muito? Se compararmos a outras religiões, como candomblé (127.582 praticantes) e judaísmo (86.825 praticantes), a comunidade budista é significativa. Mas se olharmos o número de católicos apostólicos romanos (124.980.132) ou o número de fiéis das igrejas evangélicas (26.184.941), fica clara a sua condição minoritária. De qualquer forma, o número é respeitável, sobretudo, se levarmos em conta o fato de que os mestres budistas, ao contrário dos líderes de algumas religiões, não saem por aí arrebatando devotos. O budismo não incita a crença em um ser superior, salvador, capaz de evitar o mal e olhar por nós. Segundo os ensinamentos de Buda, somos escravos de uma existência cíclica de reencarnações sucessivas, que podem ser interrompidas se a pessoa conseguir escapar do Karma, o conceito que resume a idéia de que colhemos somente aquilo o que plantamos. Em suma, é uma religião calcada na razão, uma doutrina que não promete milagres, mas que ensina o caminho para que façamos do presente a garantia de um futuro feliz.

(*Qualidade de vida especial Nº 17, Budismo*; foto: [www.oshogulaab.com/images/buda.jpeg](http://www.oshogulaab.com/images/buda.jpeg)).

Nosso estudo do budismo surgiu depois de ouvirmos uma fábula. A história falava de um homem que estava em cima de um muro. De um lado estava Deus aos berros dizendo que ele seria feliz e que encontraria a felicidade que estava procurando e falava e prometia coisas sem parar; e, do outro lado, encontrava-se o Diabo calmamente lendo um jornal. Num dado momento o homem vira-se para o Diabo e diz: “Deus está aqui deste lado me enchendo o saco com um monte de coisas e você está aí parado lendo jornal. Não tem nada pra me dizer?” O Diabo parou a leitura e disse: “Não, não tenho nada pra dizer, porque quem está em cima do muro já é meu”. Lembramos de ter ficado apavorados com a história, pois já há algum tempo nos tínhamos afastado da religião que herdávamos de nossa família por não nos sentirmos

identificados com ela. Estamos convencidos de que religião não é caso de gostar ou não gostar – é se identificar. Convencidos de que não poderíamos viver usando a camisa do “*Eu consigo mesmo*” partimos para um estudo de religiões. Começamos com *O Livro das Religiões* de Victor Hellern, Henry Notaker e Jostein Gaarder (autor de *O Mundo de Sofia*), foi graças ao estudo comparativo que fizemos neste livro, que optemos pela doutrina budista e até a presente data nunca mais paramos de estudar.

Ainda a respeito do livro de D. T. Suzuki:

Geralmente, pensamos de uma maneira absoluta que “A” é “A”, e que a proposição “A é não A” ou “A é B” é impensável. Nunca pudemos quebrar estas condições da nossa compreensão. Elas são demasiadamente tirânicas. Mas, vem-nos agora o Zen e declara que as palavras são palavras e nada mais. Quando as palavras cessam de corresponder aos fatos, é ocasião de rompermos com as palavras e retornarmos aos fatos. Enquanto a lógica tiver validade devemos usá-la, mas quando ela começar a fracassar no seu trabalho, ou quando tentar ir além dos seus limites, temos de gritar: Alto! (DAISETZ, 2003, p. 82)

Ao lermos estas palavras, lembramo-nos de Roland Barthes: “A linguagem é uma legislação, a língua é seu código. Não vemos o poder que reside na língua, porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva.” (BARTHES, 2002a, p. 12). Não tencionamos abordar aqui a questão dualística do pensamento ocidental e seu respectivo efeito danoso para o entendimento do Zen. (D. T. Suzuki já fala bastante disso em seu livro). Tencionamos aqui revelar nosso entendimento a respeito dessa história de “A” que não é “A” e que usar palavras só atrapalha.

Como pensamos, se não for em palavras? Ludwig Wittgenstein nos diz: “Os limites de minha linguagem significam os limites do meu mundo” (WITTGENSTEIN, *Tractatus* 5.6. *Apud* IRWIN, p. 46). Mas aí vem o Zen e no diz:

“O homem é definido como um ser pensante, mas suas grandes obras se realizam quando não pensa e não calcula. Devemos reconquistar a ingenuidade infantil, através de muitos anos de exercício na arte de

nos esquecermos de nós próprios. Nesse estágio, o homem pensa sem pensar”. (HERRIGEL, 2003, p. 12)

Uma criança sabe que o nome que se dá ao ato de chupar o leite de sua mãe é: *mamar*? É claro que não, mas ainda assim ela o faz. Muitos cétricos chamariam isso de instinto e, por isso, não aceitariam como exemplo de raciocínio – propriamente dito. Mas então propomos o seguinte exemplo: um adicto não agüentando mais o sofrimento trazido pelas drogas resolve pedir ajuda e vai a uma reunião de *Narcóticos Anônimos*. Chegando lá, relata que não pode mais continuar vivendo assim e pede ajuda. Então alguém lhe mostra *Os Doze Passos de Narcóticos Anônimos* e, no Primeiro Passo, está escrito: “Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que nossas vidas tinham se tornado incontroláveis.” Ele, como a criança, não sabia que aquilo que tivera feito já tinha um nome e se chamava Primeiro Passo. E, como no caso da criança, isso não tinha a menor importância. Ou seja, a palavra ou o nome não é importante.

Como a criança que segura o dedo de alguém. Ela o retém com tanta firmeza que é de admirar a força contida naquele pequeno punho. Ao soltar o dedo, ela o faz sem a menor sacudidela. Porque a criança não pensa: “agora vou soltar o dedo para pegar outra coisa”. Sem refletir, sem intenção nenhuma, volta-se de um objeto para outro, e dir-se-ia que *joga* com eles, se não fosse igualmente correto que são os objetos que jogam com a criança. (HERRIGEL, 2003, p. 41)

O Zen nos ensina que a vida continua mesmo quando não sabemos o nome do que estamos fazendo. Diz Suzuki: “No Zen nada há a explicar por meio de palavras.” (DAISETZ, 2003, p. 71) E prossegue: “Através delas podemos atingir significações, mas não encará-las como um guia absoluto.” (DAISETZ, 2003, p. 76) É por isso que o Zen afirma que o “A” não precisa ser “A” para ser “A”.

Observai a pá nas minhas mãos vazias;  
Enquanto montado num touro vou andando a pé.  
Quando passo sobre a ponte não é a água que corre,  
e sim a ponte.  
*Jenye (Shan-hui, 497-469)* (DAISETZ, 2003, p. 80)

Tudo o que implica contradição não se encaixa no âmbito da onipotência Divina, porque não pode ter o aspecto de possibilidade. Portanto, é melhor dizer que tais coisas não podem ser feitas do que afirmar que Deus não pode fazê-las.

(*São Tomás de Aquino, Summa Theologica, vol. 1*) (IRWIN, p. 123)

Não pudemos resistir a isso: colocar um texto Zen-budista ao lado de uma questão católica. A princípio parecem ser textos antagônicos, mas garantimos que não o são. O primeiro texto é um *Koan* - frases enigmáticas do Zen-budismo que, aparentemente, não têm sentido, mas carregam um significado profundo. Compreendê-lo intelectualmente não é Zen, como tampouco nele está presente em definitivo qualquer simbolismo metafísico. O método de disciplina Zen consiste em colocar o indivíduo diante de um dilema, do qual ele deve tentar escapar, não através da lógica, e sim através de uma nova mente aberta. Os samurais também estudavam os Koans e, como Matsuó Bashô foi um samurai, é muito comum encontrarmos em seus *hai-kais* a influência dos Koans.

O segundo texto nos fala de uma resposta para os céticos que gostam de pregar a não existência de Deus com perguntas do tipo: “se para Deus nada é impossível então ele que faça aparecer um...” geralmente os exemplos (ou desafios) são matemáticos: uma esfera quadrada, um triângulo de quatro lados, duas paralelas que não se encontrem no infinito, um lado de dentro sem um lado de fora e outros. São Tomás de Aquino defende a tese de que a não-realização destes absurdos não afeta a onipotência de Deus ou sua existência, pois ser onipotente não significa poder fazer tudo, mas sim ser capaz de fazer tudo que é possível num mundo como o conhecemos “sem inventar”. Agora nos vêm à cabeça um trecho do filme *O feitiço de Áquila*. Há um diálogo rápido e ainda assim bastante significativo: o soldado cruzado diz – “Vai ser um milagre se conseguirem escapar” – ao que o bispo responde – “Eu acredito em milagres... faz parte do meu trabalho”. É claro que, como o bispo de Áquila, São Tomás de Aquino também acreditava. O impossível de que ele fala em sua tese é o impossível

ridículo e sem propósito - exceto a própria provocação em si. O impossível que encontramos e que é necessário haver para o reconhecimento do milagre está fora desta questão.

Ainda em D. T. Suzuki podemos encontrar os seguintes parágrafos conciliadores:

Os cristãos e budistas podem utilizar o Zen da mesma forma que peixes grandes e pequenos podem morar contentes no mesmo oceano. O Zen é o oceano. O Zen é o ar. O Zen é a montanha. O Zen é o trovão. O Zen é o raio, a flor primaveril, o calor do verão, o frio do inverno; mais do que tudo isso, o Zen é o homem.

O Zen diz ser o espírito do budismo, mas de fato é o espírito de todas as religiões e filosofias. Quando o Zen é compreendido completamente, a paz absoluta da mente é alcançada, e o homem vive conforme deve viver. Que mais podemos desejar? (DAISETZ, 2003, p. 65)

O segundo livro recomendado pelos grandes estudiosos é o *Livro do Caminho Perfeito*, também chamado *Tao Te Ching*, “*O livro do Tao e do Te*”. Tao significando a *ordem do mundo* e Te, a *força vital*. Ninguém sabe ao certo quem o escreveu, mas diz a lenda que foi o filósofo Lao Tse, que viveu no século VI a.C., tendo sido mais ou menos contemporâneo de Confúcio. O livro original é composto de 25 páginas e 81 capítulos. No Brasil, Murillo Nunes de Azevedo fez a tradução e adaptação, prefácio e comentários. É um livro que nos lembra muito o chá que é servido na cerimônia do Chá-do: a primeira vez que você o bebe, acha o gosto estranho; na segunda, acha bom; e na terceira, fica viciado. Com este livro acontece o mesmo: na primeira vez você só consegue ler graças aos comentários de Murillo Nunes; na segunda, você já começa a dispensar os comentários dele; e, na terceira vez, dispensar os comentários já não é mais uma opção, mas um ponto de honra. Você *quer-porque-quer* ter suas próprias interpretações e não abrirá mão disso. Se isso aconteceu conosco, acreditamos que acontecerá com os outros leitores. Até porque ninguém lê um livro três vezes por querer memorizá-lo. O próprio autor adverte: “É um livro que não admite leitura superficial, pois só vai sendo revelado aos poucos”. (AZEVEDO, 2003, p. xii)

## I O Tao

O caminho que pode ser seguido  
não é o Caminho Perfeito.  
O nome que pode ser dito  
não é o Nome eterno.  
No princípio está o que não tem nome.  
O que tem nome é a Mãe de todas as coisas.  
Para que possamos observar os seus segredos  
devemos permanecer sem desejos.  
Mas se em nós mora o desejo  
a única coisa que podemos contemplar é a sua forma  
externa. A casca que a essência oculta.  
Esses dois estados existem para sempre inseparáveis.  
Diferentes unicamente em nome.  
Conjuntamente idênticos, unidos, integrados.  
São os chamados Mistérios!  
Mistérios além dos mistérios  
O portal que conduz a tudo aquilo que é sutil e maravilhoso  
ao recôndito segredo de todas as essências!

(LAO Tse *apud* AZEVEDO, 2003, p. 1)

E assim começa o livro em que se baseou o Taoísmo – religião que acredita ser o Tao a verdadeira base da qual todas as coisas são criadas.

Pode parecer meio estranho e enigmático este meio de comunicação, mas duas coisas podem ser ditas: 1ª - é eficiente, uma vez que não é dito como um discurso simples, faz com que o leitor tenha que prestar atenção. 2ª - já é de muito tempo que se utiliza esta forma “pouco clara” para ensinar.

Assim fez Confúcio (551-479 a.C.). Assim fez o autor do Gênesis. Assim fizeram os cínicos gregos. Assim fizeram os rabinos. Assim fizeram os gurus da Índia. Assim fizeram os sufis do Islam.

Esse procedimento de *revelar ocultando* tem um sabor, indisfarçavelmente, Zen.

Por isso, Jesus diz:

*Graças te dou meu Pai,  
senhor do céu e da terra,  
porque escondeste estas coisas  
aos sábios e doutores  
e as revelastes aos pequenos.*

(LEMINSKI, 2003, p. 58)

É sempre bom lembrar que a metáfora, palavra que carrega consigo o sentido de comparação, é um elemento (*uno*) com dois significados. Quando temos um elemento comparado a outro elemento, aí, o que temos de fato é uma comparação pura e simples, uma vez que, como já foi dito, não faz parte da metáfora um segundo elemento escrito, mas sim um segundo elemento subentendido.

[...] e chegando-se a ele (Jesus ou Joshua Bar-Yosef), os discípulos disseram: por que lhes fala em parábolas?

*A vocês, é concedido  
conhecer os mistérios do reino dos céus,  
a eles, não.  
Pois a quem tem, vai ser dado,  
e abundará.  
De quem não tem,  
até o que tem  
vai ser tirado.  
Por isso, falo a eles por parábolas.  
Para que, vendo, não vejam.  
E, ouvindo, não ouçam  
nem compreendam.  
Assim se cumpra neles a profecia de Isaías:  
ouvindo de ouvir, não vão entender,  
e, videntes, vendo, não vão ver.*

A parábola é um gênero oriental, enconstrução entre todos os povos da Ásia, a revelação de verdades abstratas através da materialidade de uma anedota, uma unidade ficcional mínima. (LEMINSKI, 2003, p. 57)

Curiosamente, a melhor e menor definição do *caminho do meio* (tão falado em *O Caminho Perfeito* e outros livros budistas) ainda pertence a D. T. Suzuki (2003, p. 71):

O caminho do meio está onde não há nem meio nem dois lados. Quando estais escravizados ao mundo objetivo, tendes um dos lados. Quando estais com a mente perturbada, tendes o outro. Quando nenhum desses lados existe, não há a parte do meio, e portanto aí estará o caminho do meio.

O que nos mais chamou a atenção no budismo foi a facilidade de resolver problemas usando um método que poderia ser chamado de *a não hiper-valorização dos problemas*; para confirmar esta hipótese, nos valem dos seguintes comentários de Murillo Nunes de Azevedo em *O Livro do Caminho Perfeito* (2003, p. 121-138):

Diante dos grandes problemas, procura ver sempre o lado mais fácil e não te percas nos detalhes. (p. 121)

Como é difícil compreender e praticar as coisas fáceis! [...] Quanto mais complicado o ser humano, quanto mais recheado de conceitos, pontos de vista, hábitos, dureza, mais escravo será. (p. 132-133)

O conhecimento é uma doença que dá uma falsa ilusão de segurança. E nada há pior do que não conhecermos uma coisa e julgarmos que a conhecemos. (p. 134)

O menor caminho entre dois pontos é sempre uma linha de menor resistência, que raramente é uma reta. (p. 138)

Depois de observarmos estes comentários podemos tranquilamente resolver um problema do tipo: Uma pessoa quer ir de “A” para “C” sem passar por “B”. Ora, podemos fazer uma curva e ir direto para “C”, podemos eliminar “B” multiplicando por zero, trocar a posição de “A”, ou (a ordem dos fatores não altera o produto) trocar a posição das outras letras de tal forma que “B” não impeça “A” de chegar a “C”, podemos criar mais um “A” depois de “B” – considerá-los uma paralela – com “B” sendo o espaço compreendido entre eles e “C” o infinito aonde os dois “As” irão se encontrar e, se por ventura tudo falhar, haverá

sempre a possibilidade de “A” se tornar “C” extinguindo-se assim a necessidade de ir até “C” (*o que não tem remédio... Remediado está*). O espaço amostral da matemática para a solução deste problema pode ser bem amplo para um budista e bem limitado para uma pessoa comum.

O terceiro livro recomendado é *A arte cavalheiresca do arqueiro zen*, de Eugen Herrigel, cujo prefácio foi escrito por D. T. Suzuki. É importante dizer que se trata de um livro não-ficcional, escrito por um filósofo alemão em 1948, quase vinte anos depois de ter voltado do Japão. Durante os anos em que viveu em tal país como professor da Universidade de Tohoku, Herrigel aprendeu a arte de atirar com o arco – hoje a mais obsoleta forma de matar. Na contracapa de seu livro, ele conta como seu mestre deu dois tiros no escuro, acertando ambos. Apenas essa história já seria suficiente para compreender o Zen, ou pelo menos para dar-lhe credibilidade, uma vez que, voltamos a dizer, *A arte cavalheiresca do arqueiro zen* é uma obra não-ficcional.

A lógica do pensamento ocidental deve ser posta de lado. A estrutura do cartesianismo, reduzida a cinzas. A relação causa-efeito, desprezada. A separação sujeito, ignorada. O tédio, ridicularizado. Mas a paixão pela vida, enaltecida. A cerimônia desse encontro é presidida pelo príncipe Sidarta, que perdeu a sua vida para despertar como Buda, o Amida, o símbolo da compaixão, aquele que nos mostrou o *caminho do meio* como o único capaz de vencer os sofrimentos que marcam a banalidade do cotidiano. (HERRIGEL, 2003, p. 5)

Logo após a leitura deste livro, veio-nos à mente a recordação de um episódio de *Star Track – A nova geração*. Era sobre um personagem, se não nos falha a memória, chamado “Q” (em inglês pronuncia-se “kiu”). Não se tratava de um alienígena qualquer: ele era uma espécie de deus todo poderoso, onipresente, onipotente e com um temperamento de criança mimada. Era capaz de fazer tudo: tirar o ar na nave ou deslocá-la para uma distância impossível de ser percorrida (levaria mil anos para voltar à Terra, mesmo em velocidade

*Warp*). Ele era capaz de tudo, menos de controlar o livre arbítrio das pessoas. Ele poderia alterar tudo à volta desta pessoa para fazê-la mudar de idéia, mas não conseguia ou não queria fazer isso diretamente com seus poderes ilimitados. Um dia ele levou a nave *Enterprise* para onde costumava refletir sobre seus problemas: dez segundos antes da explosão do *Big Bang*. achamos aquilo maravilhoso. Imagine só, você flutuando no espaço sideral, bem no centro de tudo, a dez segundos da explosão que gerou o universo como o conhecemos. Depois de assistir a esse filme pensamos no seguinte: ele era, de fato, um deus e podia fazer tudo, mas nós somos seres humanos dotados de uma imaginação sem limites. Em nossa mente, nós somos um deus e também podemos nos esconder neste lugar aonde ninguém iria nos achar. Só que em nossos exercícios de meditação nunca conseguimos grandes avanços nos escondendo lá. Isso porque aquele lugar não era o Nada que encontramos no budismo.

Para a tradição filosófica, “quem fala do Nada, não sabe o que faz.[...] Falar do Nada é ilógico. O homem que fala e pensa de modo ilógico está irremediavelmente fora da ciência [...] falar do Nada continua a ser, em geral, repugnante ao pensamento e destruidor, em particular” (Heidegger, 1978a, p.52-3).

Isto porque o Nada é confundido ou tomado pelo nada da negação, da nulidade. Não é este, entretanto, o nada que deve ser pensado; não se trata, de modo algum, de um nada “puramente *nadificador* (que) o igualamos ao que não tem substância” (Idem, 1969a, p. 50).

O Nada, em última instância, revela o âmbito dentro do qual a essência do homem acha-se suspensa. Esta suspensão dentro do nada confere ao homem um traço marcante, que é o de nunca estar preso de modo definitivo a nenhum ente. E é este caráter do homem – para além de qualquer deficiência ou imperfeição – justamente o que lhe possibilita, na verdade, entrar em relação com este ente ou aquele ente ou mesmo consigo mesmo. Mais até, a questão do nada é tão central que determina a própria essência do homem, pois, para ele, ser homem significa “estar suspenso dentro do Nada” (Heidegger, 1969<sup>a</sup>, p. 35), transforma-se “no lugar-tenete do Nada” (Idem, *ibidem*, p. 39). Esta descoberta é cheia de conseqüências para o pensamento, pois ele – o Nada, o abismo, o sem-fundo – passa a ser o fundamento da “existência do homem”, a origem de sua facticidade e, sobretudo, de sua liberdade originária. Nada não é nem um ente, nem um conceito oposto ao ente, ele é apenas o outro lado do ser, pois “pertence originariamente à essência mesma (do Ser)” (Idem, *ibidem*, p. 35)

Acompanhando os passos de Heidegger, ao discorrermos sobre a questão do Ser, viemos desembocar na questão do Nada e ao desenvolvermos a questão do Nada viemos dar novamente na questão do Ser. O Nada, portanto, como a fuga dos entes, é a experiência por trás da qual se esconde o ser; ele “é o véu do Ser” (Idem, ibidem, p. 58); ele “é co-originalmente o mesmo com o Ser” (Idem, 1969c, p. 57). (MICHELAZZO, 1999, p. 76-79)

Lembramo-nos de uma prova de português em que era possível ver alguns alunos *tentando tocar em uma sombra*. Isso porque na prova havia uma questão sobre substantivo abstrato e algum professor desleixado havia ensinado que era abstrato tudo que você não pudesse tocar. Vejamos a definição da palavra: Abstrato é o substantivo que designa coisa que abrange o ambiente imaterial e o ato ou o fenômeno produzido pelo que é material: fé, amor, bondade, dor, sentimento, etc. (BARBOSA, [200-?]) Ou seja, o cheiro do perfume é concreto; o cheiro do medo é abstrato. Eis aí o nosso erro em relação ao que estávamos fazendo. A nossa fantasia era abstrata, mas ainda assim era *ente* e não o *Nada*. Às vezes é bom voltar pro primário e aprender lá o que você acha que sabia.

J – Numa visão invisível que se traz de maneira tão recolhida para o vazio, que nele e por ele a montanha aparece em toda a sua presença.  
P - O vazio é então a mesma coisa que o nada, isto é, o vigor que procuramos pensar como o outro de toda vigência e de toda ausência?  
J – Decerto. É por isso que no Japão logo entendemos a conferência *O que é metafísica?*, que nos chegou em 1930, numa tradução feita por um estudante japonês, seu ouvinte. Ainda hoje estranhemos que os europeus pudessem ter caído na armadilha de interpretar nihilisticamente o nada discutido na conferência. Para nós, o vazio é o nome mais elevado para se designar o que o senhor quer dizer com a palavra ser... (*De uma Conversa sobre a Linguagem entre um Japonês e um Pensador*. p. 87-88)

O quarto livro que nós recomendamos é *O Livro das Religiões*, de Victor Hellern, Henry Notaker e Jostein Gaarder, já citado no início do capítulo. É um livro que serve mais para consulta a que propriamente leitura. Portanto, pode ser o primeiro livro a ser estudado, como pode ser o último. É muito frio em seu estilo de escrita, indo quase ao encontro das

enciclopédias. Recomendamos a leitura do livro todo, salientando, é claro, que o que nos interessa para o enriquecimento deste capítulo pode ser encontrado entre as páginas 52 e 75 (Budismo). Recomendamos também a leitura de *Sidarta*, de Hermann Hesse (1975). Na contracapa temos:

“Obra famosa de autor consagrado pelo *Prêmio Nobel*, SIDARTA é um extraordinário livro que aborda, no plano da ficção, os grandes e eternos temas do homem e no qual o autor reconhece a profunda identidade de tudo o que é vivo: idênticos são o pecado e a santidade, a sabedoria e a loucura, a vida e a morte”.

O personagem principal do livro é homônimo do fundador do Budismo: o primeiro é filho de um brâmane e o segundo, filho de um rajá. Para evitar confusões, o autor chama seu personagem de Sidarta, e o fundador do budismo pelo segundo nome - Gautama ou Gotama.

Achas realmente que cometeste as tuas tolices, a fim de poupá-las a teu filho? Julgas-te capaz de proteger o pequeno contra o *Sansara*? De que modo? Por meio de ensinamentos, de preces, de admoestações? Ora, meu querido, esqueceste por completo uma história que me contaste aqui mesmo, em outra ocasião; a edificante história de um filho de brâmane que se chamava Sidarta? Quem resguardou esse Sidarta do *Sansara*, do pecado, da avareza, da insensatez? A piedade do pai, as exortações dos mestres, a própria erudição, as pesquisas que ele fazia – nada disso conseguiu servir-lhe de esteio. Que pai, que mestre poderia evitar que Sidarta vivesse a sua vida sujando-se com ela, caindo em culpa e bebendo sozinho a poção amarga, antes de descobrir o seu caminho pelas suas próprias forças? Pensas, meu caro, que alguém possa escapar à busca desse caminho? Talvez teu filhinho, porque o amas e desejas isentá-lo de mágoas, dores e decepções? Mas, mesmo que morras por ele dez vezes, não lograrás alterar nenhuma parcela do destino que o aguarda! (HESSE, 1975, p. 98)

Este foi o melhor exemplo prático que encontramos sobre *as quatro nobres verdades sobre o sofrimento*. (GAARDER, 2000, p. 52-74)

A primeira nobre verdade determina que tudo no mundo é sofrimento. “Nascer é sofrer, envelhecer é sofrer, morrer é sofrer, estar unido com aquilo de que não gostamos é sofrer, separarmo-nos daquilo que amamos é sofrer, não conseguir o que queremos é sofrer.”

(GAARDER, 2000, p. 56) Em termos budistas o sofrimento implica algo mais do que mero desconforto físico e psicológico. Pode-se dizer que a existência como um todo é manchada pelo sofrimento, pois tudo é passageiro. A pessoa que não consegue perceber que o mundo, do ponto de vista do ser humano, é inadequado, é uma pessoa cega.

Na segunda nobre verdade, Buda afirma que o sofrimento é causado pelo desejo do ser humano. O desejo implica, sobretudo, desejar com os sentidos, a sede de prazeres físicos. Como essa ânsia nunca pode ser plenamente saciada, ela sempre irá acarretar um sentimento de desprazer. Até mesmo o desejo de sobrevivência do ser humano contribui para manter o sofrimento.

A terceira nobre verdade é que o sofrimento pode ser levado ao fim. Isso acontece quando o desejo cessa. E quando o desejo cessa, começa o *Nirvana*. Um pré-requisito necessário para substituir o desejo é que *a ignorância do homem deve ser enfrentada*, pois ela é a causadora do desejo.

A quarta nobre verdade afirma que o homem pode ser libertado do sofrimento seguindo *O caminho das oito vias*: Com base em sua própria experiência, Buda acreditava que o homem deve evitar os extremos da vida. *Não se deve viver nem no prazer extravagante, nem na autonegação exagerada*. Ambos os extremos acorrentam o homem ao mundo e, assim, à “roda da vida”. O caminho para dar fim ao sofrimento é o “caminho do meio”. Quando Buda ouviu “Se a corda estiver frouxa, ela não toca; se estiver muito apertada, ela arrebentará”, estas palavras fizeram-no abandonar a doutrina Samana – a mais radical doutrina de *desindividualização* que existe até hoje no mundo. E passou a adotar uma doutrina mais equilibrada. E Buda descreveu em oito partes este caminho: (1) perfeita compreensão; (2) perfeita aspiração; (3) perfeita fala; (4) perfeita conduta; (5) perfeito meio de subsistência; (6) perfeito esforço; (7) perfeita atenção; e (8) perfeita contemplação – o budista chama a isso de *Nirvana*. Essa palavra significa, na verdade, “apagar”, uma referencia ao fato de que o

desejo “se extingue” quando se atinge o *Nirvana*. A imagem (metafórica) representa o desejo como uma chama que se apaga quando o combustível termina – o combustível é a luxúria humana, o ódio e a ilusão. Uma vez que o *Nirvana* não pode ser comparado a nada em nossa vida diária, só é possível dizer o que *Não é*. Assim como no túmulo de Maquiavel podemos ler *tanto nomini nullum par elogium* (tão grande nome nenhum elogio alcança), podemos acreditar que ocorre uma símile no significante *Nirvana*, ou seja: jamais um nome (palavra) alcançará seu significado. Poderíamos talvez descrever o *Nirvana* como uma *quinta-dimensão*, dissociada de nossa existência quadridimensional.

Quando todo e qualquer *eu* estivesse dominado e morto, quando, dentro do coração, se calassem todos os anseios e instintos, inevitavelmente despertaria no seu ser a *quinta-essência*, o último elemento, aquilo que já não fosse o *eu*, o grande mistério. (HESSE, 1975, p. 14)

E a pergunta que não quer calar é: podemos alcançar este não-sofrimento pelas drogas? Cinco anos depois de ter escrito *Siddhartha* (Copyright 1950), em português: *Sidarta*, Hermann Hesse escreveu *Der Steppenwolf*, em português: *O lobo da estepa* (Copyright 1955). Não é um livro necessário para se entender o budismo, vamos apenas falar dele em virtude de encontrarmos ligação delas (drogas) com algumas experiências em tentar alcançar um não-sofrimento, ou *Nirvana*, ou ponto máximo de relaxamento, ou uma “observação” mais privilegiada. Objetivos do budismo, por outros meios. Não é raro aparecerem livros que abordem este assunto (drogas) alegoricamente dentro da filosofia, como aprofundamente em *Amor líquido* de Zygmunt Bauman.

- Vamos conversar – começou ela. E pela voz de sua mãe Sofia percebeu que se tratava de algo sério.

-Por acaso você andou usando mexendo com drogas?

Sofia não conseguiu conter um sorriso, mas entendeu por que aquela pergunta lhe estava sendo feita justamente agora.

-Você ficou louca? – respondeu. – As drogas só deixam a gente ainda mais careta!

Naquela noite, nada mais foi dito sobre drogas ou sobre coelhos brancos (GAARDER, 1995, p. 32 e 33).

Gostamos muito dos livros de Hermann Hess, apesar de achar, às vezes, a narrativa dele muita arrastada. No caso do “Lobo da Estepe” o livro possui uma narração extensa logo no início, se fossemos ele tiraríamos umas vinte páginas do primeiro capítulo; está certo que o livro não possui gravuras, não é uma estória em quadrinhos, precisamos da narração para entender o que acontece dentro e fora da cabeça dos personagens, mas ainda assim achamos que ele abusa da paciência do leitor. Este só começa a ficar interessante quando Harry Haller conhece Hermínia e graças a ela conhece Pablo – um saxofonista que curte drogas.

- É para mim uma alegria, meu caro Harry, poder tê-lo um instante como hóspede. Você tem andado freqüentemente desgostoso da vida e com ânsias de deixa-la, não é verdade? Tem ansiado abandonar este tempo, este mundo, esta realidade, e entrar numa outra realidade que lhe seja mais adequada, num mundo intemporal. Pois faça-o, meu amigo, eu o convido a isto. Você já sabe onde se oculta esse outro mundo, já sabe que esse outro mundo que busca é a sua própria alma. Só em seu próprio interior vive aquela outra realidade por que anseia. Nada lhe posso dar que já não exista em você mesmo, não posso abrir-lhe outro mundo de imagens além daquele que há em sua própria alma. Nada lhe posso dar, a não ser a oportunidade, o impulso, a chave. Eu o ajudarei a tornar visível seu próprio mundo, e isso é tudo. (HESSE, 1961, p. 177).

Ficamos muito admirados e curiosos com a proposta que Pablo fez, uma procura *por* dentro ou *para* dentro (não sabemos porque usamos duas preposições diferentes, mas agora que escrevemos vamos deixar) não é pra qualquer um; é o tipo de coisa que todo mundo quer saber, mas ninguém, ou quase ninguém, está realmente preparado para enfrentar. Resolvemos pesquisar mais sobre o assunto, até porque em *Sidarta* já havia aparecido algo semelhante e, como percepção muito inicial, havíamos preferido deixar de lado, até agora.

- O que é a meditação? O que é o abandono do corpo? Que significa o jejum? E a suspensão do fôlego? São modos de fugirmos de nós mesmos. São momentos durante os quais o homem escapa à tortura de seu eu. Fazem-nos esquecer, passageiramente, o sofrimento e a insensatez da vida. A mesma fuga, o mesmíssimo esquecimento, o boiadeiro encontra-os na estalagem, quando bebe algumas tigelas de vinho de arroz ou de leite de coco fermentado. Então cessa de sentir o seu eu, cessa de padecer dores, anestesia-se por algum por algum tempo. Ao adormecer, junto à tigela de vinho de arroz, consegue o mesmo efeito que provocam Sidarta e Govinda, cada vez que, depois prolongados exercícios, se distanciam de seus corpos, a fim de entrarem no não eu. Realmente, é assim, Govinda!

-Ainda que fales assim. Meu amigo, - retrucou Govinda – sabes muito bem que Sidarta não é nenhum boiadeiro e que os samanas não são ébrios. É verdade que um bebedor obtém o esquecimento. Certamente se lhe oferecem breves instantes de fuga e de sossego, mas sempre regressará do mundo da ilusão e tudo se lhe deparará como antes. Ele não se torna mais sisudo, não colhe conhecimentos, não sobe nenhum degrau.

E Sidarta replicou sorrindo – Isso não sei julgar. Nunca fui bebedor. Mas uma coisa sei, ó Govinda: nos meus exercícios e nas minhas meditações, eu, Sidarta, encontro apenas fugidas fases de esquecimento. E que, apesar disso, continuo tão distante da sabedoria, da salvação, quanto fica um feto do ventre da mãe, disso tenho a plena certeza. (HESS, 1975, p. 16 e 17)

Agora é que o bicho pega! Esta procura está se tornando a típica situação de *quanto mais procuramos respostas mais encontramos perguntas*. De um lado temos uma proposta de autoconhecimento através de substâncias químicas que alteram o humor; de outro é estudar a ponto de só quem leu os mesmos livros será capaz de te entender. De uma maneira ou de outra você vai passar por maluco e achamos que ninguém quer isso. “E agora José? E agora você?”

Também neste mesmo livro na página 31 podemos encontrar um bom conselho para os mais ansiosos (como nós) “acautela-te contra o excesso de inteligência!”, porque “- Quando alguém procura muito – explicou Sidarta – pode facilmente acontecer que seus olhos se concentrem exclusivamente no objeto procurado e que ele fique incapaz de achar o que quer que seja, tornando-se inacessível a tudo e a qualquer coisa porque sempre só pensa naquele objeto, e porque tem uma meta, que o obceca inteiramente. Procurar significa: ter

uma meta. Mas achar significa: estar livre, abrir-se a tudo, não ter meta alguma. Pode ser que tu, ó venerável, sejas realmente um buscador, já que, no afã de te aproximares da tua meta, não enxergas certas coisas que se encontram bem perto dos teus olhos” (Idem, ibidem, pág. 112);o primeiro conselho veio de nada mais nada menos que do próprio Gotama (Buda) e o segundo do próprio Sidarta (personagem). Está aí uma coisa que podemos usar como âncora para segurar nossa ansiedade por conhecimento. Nós sabemos, isso ainda é pouco para nos dar por satisfeitos, por isso resolvemos fazer um trabalho “empírico”. Fomos a uma reunião aberta do NA (narcóticos anônimos). As reuniões abertas podem ser freqüentadas por não adictos. Se nunca foram a uma – sugerimos ir. É só se informar dos dias de reunião aberta e locais pelo telefone nas TeleListas, telefoneis úteis (é logo no início).

Quando lá chegamos, assistimos ao que acreditamos ser algo padrão nas reuniões abertas: uma leitura do que é o NA seguido de partilhas dirigidas de sete minutos (cinco mais dois) para cada um que fosse chamado. Ouvimos de tudo, desde depoimentos dramáticos de pessoas que roubaram suas próprias famílias para sustentar o vício até aqueles que conseguiam fazer piadas com a própria desgraça; houve até um cara que confessou que no final de sua “ativa” estava jogando pedra em urubu pra não dividir o prato da macumba. É de impressionar! A figura vivia de comer oferenda nas esquinas. Estávamos achando tudo muito interessante, mas não conseguíamos ver muita ligação com o Nada Budista e menos ainda com o Nada filosófico:

Para a tradição filosófica, “quem fala do Nada, não sabe o que faz.[...] Falar do Nada é ilógico. O homem que fala e pensa de modo ilógico está irremediavelmente fora da ciência [...] falar do Nada continua a ser, em geral, repugnante ao pensamento e destruidor, em particular” (Heidegger, 1978<sup>a</sup>, p.52-3, apud MICHELAZZO, 1999, p.77).

Isto porque o Nada é confundido ou tomado pelo nada da negação, da nulidade. Não é este, entretanto, o nada que deve ser pensado; não se trata, de modo algum, de um nada “puramente nadificador (que) o igualamos ao que não tem substancia” (Idem, 1969<sup>a</sup>, p. 50, apud MICHELAZZO, 1999, p.77).

Ali só estávamos achando um monte de gente que havia se tornado nada – visão do ocidente, excludente, ausência. Já estávamos ficando entediados e dispostos a desistir deste caminho quando chamaram um rapaz bem novinho para partilhar. Ele conseguiu ser realmente chato, nem olhava pras pessoas, só pro chão e dizia coisas do tipo hoje eu não usei drogas nem vou usar e depois ficava falando que hoje escovou os dentes e saiu pra procurar emprego e não achou e que está tudo muito difícil e blá, blá, blá; só faltou dizer que fez cocô, limpou a bunda com papel higiênico e lavou as mãos; então o partilhador (pessoa encarregada de controlar o tempo das partilhas) mostrou a placa de: 2 minutos, o garoto agradeceu disse que não precisava de mais tempo, fez que ia levantar – parou no ar – e voltou a sentar – olhou pela primeira vez para o público e disse:

- Sabe, no outro dia eu fui numa missa lá pros lados da casa da minha avó e eu encontrei um coroinha velho... velho mesmo; ele estava numa cadeira de rodas e era quase cego e estava feliz da vida. No fim da missa eu o procurei e perguntei que porra era aquela? Que negócio era esse dele ser tão feliz? Está ai numa cadeira de rodas, só deve conseguir fazer sexo com a língua e está ai todo feliz! Que droga você está usando? - Aí ele olhou pra mim e disse: “- Não, não é droga não!” - Então é o quê, porra? - E ele respondeu: “É que eu não sei o que quero e Deus sabe o que faz”.

O garoto calou-se e ficou imóvel igual a uma estátua, o partilhador levantou a placa de *seu tempo acabou*, o pobre diabo sacudiu a cabeça como se tivesse saído de um transe, voltou a olhar para o chão e começou com a baboseira de novo:

- Eu não sei porque disse isso pra vocês? Meu tempo acabou. Obrigado pelo silencio de vocês. Desejo a todos a mesma coisa que desejo para mim: mais vinte quatro horas. Só por hoje! Funciona!

Confessamos que aquelas palavras mexeram muito conosco “eu não sei o que quero e Deus sabe o que faz”. Acreditamos que vamos precisar de uma vida inteira para digerir isto; não falamos aqui de digerir no nível do raciocínio, falamos do sentir, do olhar para dentro, dos

outros “eus” que existem dentro de cada um de nós, do mistério que há no livro de título “Seu nome”. Levar esta “balela” toda para um nível maior. Sair um pouco da teoria e realmente se perguntar: *O que eu aprendi hoje?*

Nós chegamos à conclusão de que o uso de drogas é caminho seguro para *o nada* com letra minúscula. E não o Nada budista de onde tudo vem e o tão prolixo, e ainda assim maravilhoso, “Nicht ist Nicht und **das Nicht nichtet** das Nicht” de Heidegger.

Acompanhando os passos de Heidegger, ao discorrermos sobre a questão do Ser, viemos desembocar na questão do Nada e ao desenvolvermos a questão do Nada viemos dar novamente na questão do Ser. O Nada, portanto, como a fuga dos entes, é a experiência por trás da qual se esconde o ser; ele “é o véu do Ser” (Idem, *ibidem*, p. 58); ele “é co-originalmente o mesmo com o Ser” (Idem, 1969c, p. 57, Apud, MICHELAZZO, 1999, p.79).

Depois disso tudo só nos vem à cabeça um trecho, também do livro Sidarta, “Não me obrigues, porém, a falar mais. As palavras deturpam sempre o sentido arcano. Todas as coisas alteram-se, logo que lhes pronunciamos o nome. Então se tornam levemente falsas e ridículas...” (Idem, *ibidem*, pág.116); é exatamente o que estamos sentindo agora.

Não conseguindo escrever mais dentro deste “sub-assunto”: as drogas. Não tendo mais a segurança que tínhamos quando começamos. Damos por encerrado este “fragmento de pensamento” inscrito no trabalho com: Hoje eu não usei drogas e não vou usar. Só por hoje! Funciona!

O quinto livro que aborda o budismo de forma acessível é *Partir-se sem quebrar*, de Mark Epstein, médico, psiquiatra, praticante de meditação e estudioso do budismo.

Epstein demonstra como “a felicidade que buscamos depende da nossa habilidade em balancear a necessidade do ego de fazer com nossa capacidade inerente de ser”.

O seu tipo de escrita praticamente ratifica a forma como andamos construindo este capítulo – um misto de lendas budistas com experiências pessoais e uma pitada de teoria

acadêmica. Epstein consegue ser um mediador entre o academicismo das ciências médicas (no caso dele, psiquiatria) com o misticismo e a religiosidade budista. Não só conseguiu encontrar nas histórias budistas explicações que reforçam a teoria como até fora delas, adentrando nas próprias histórias contidas nos anais da ciência psiquiátrica. Vejamos como Epstein utiliza, quase simultaneamente (atente para a distância entre as páginas), dois exemplos para interpretar o *Caminho do Meio*, utilizando para isso um relato de Freud e uma história budista.

Em “Sobre a transitoriedade”, um curto ensaio magistral e pouco discutido escrito em 1915, Freud buscava uma postura mental destemida que, sem saber, se assemelhava à budista e ao mesmo tempo oferecia uma parábola sobre as limitações de seu método analítico. Ao contar uma caminhada que fez no verão através de um “campo sorridente” com um amigo “taciturno” e um “poeta muito jovem, mas já famoso”, Freud descreveu como seus amigos eram incapazes de sorrir para a beleza que os cercava. Eles conseguiam admirar a paisagem, observou ele, mas não a *sentiam*. Estavam trancados em suas próprias mentes, sem vontade ou incapazes de se render à beleza que os cercava.

No início deste ensaio, Freud escreveu: “A tendência à degradação de tudo o que é belo e perfeito pode, como sabemos, dar origem a dois impulsos diferentes na mente. Um leva ao doloroso desalento sentido pelo jovem poeta; o outro, à rebeldia contra o fato afirmado”. Nos sentimos deprimidos diante da impermanência, dizia Freud, ou desvalorizamos e deixamos de lado o que vemos. Buda também descreveu essas duas possíveis reações – e as chamava de apego e aversão, embora as expressões usadas por Freud (“doloroso desalento” e “rebeldia contra os fatos”) funcionem da mesma forma.(opus citatum, p. 58-59)

Freud escreveria mais tarde, em seus textos sobre o interior, que “a beleza leva consigo a semente do luto por seu fim certo”. Ou seja, quanto maior for o ganho na ida, tanto será a perda na volta. O não saber lidar com a questão do efêmero é algo que nos impede de desfrutar por completo de momentos importantes na nossa vida: “- *É a defesa que fere... – disse-me*”, sendo esta afirmação, reconhecidamente, algo essencial tanto no budismo como na psicoterapia.

A história budista selecionada irá confirmar (também pela experiência) a teoria descrita por Freud. Epstein, na página seguinte, já aponta para uma possível solução do problema.

Usando as nossas melhores defesas obsessivas para manter esse luto imobilizado, pagamos um preço pelo isolamento e pelo distanciamento.

Esta é uma conhecida história budista: o filho de um mestre tibetano adoeceu e morreu subitamente. Escutando seu choro inconsolável, os discípulos do mestre chegaram e o enfrentaram com surpresa:

— Você nos ensinou que tudo é ilusão e que não devemos nos apegar — advertiram-no. — Por que chora e pranteia?

Imediatamente, o mestre respondeu:

— Sim, tudo é ilusão... mas a perda de um filho é a ilusão mais dolorosa...

O mestre não tentou reprimir seu apego ou seu luto: foi capaz de aceitar o pesar tão sem reservas como aceitava a beleza. Freud observou que seus amigos, deixando de lado o aspecto doloroso da experiência, isolavam-se de sua própria capacidade para amar. A reação do mestre tibetano nos mostra que o amor e o luto, como a separação e a conexão, são partes inseparáveis de uma única emoção. (opus citatum, p. 61)

A solução não é negar o apego, mas nos tornamos menos controladores na maneira como amamos. (opus citatum, p. 62).

O leitor deve estar se perguntando o porquê de tantos exemplos. Tentem se lembrar da lenda de Colombo, que colocou o ovo em pé. Depois que ele conseguiu, os outros convidados que estavam à mesa também conseguiram. Se um ditado popular diz que uma imagem vale mais que mil palavras, podemos desconfiar/descobrir nisso a eficiência que está contida nas histórias, que nada mais são – a grosso modo – que descrições de uma imagem. Não seria difícil transformar estas histórias em cartum de três quadros como os que vemos nos jornais e revistas na seção humor... Um três que é uno... Três significantes que levam a um único significado, significado este que nos faz dizer: *Ah! Entendi!*

***“Levando-a para o mar.”<sup>1</sup>***

---

<sup>1</sup> Koan retirado do filme (*Samsara*, 2001).

## BIBLIOGRAFIA

- Daisetz Teitaro Suzuki – INTRODUÇÃO AO ZEN-BUDISMO, 9ª ed. Editora Pensamento – São Paulo, 2003;
- Epstein, Mark – PARTIR-SE SEM QUEBAR, Rio de Janeiro: Gryphus, 2002;
- Eugen Herrigel - A ARTE CAVALHEIRESCA DO ARQUEIRO ZEN, 19ª ed. Editora Pensamento – São Paulo, 2003;
- Hermann Hesse - LOBO DA ESTEPE, - ed. Record, 1961;
- Hermann Hesse – SIDARTA, 13ª ed. Civilização brasileira, 1975;
- José Américo Motta Pessanha - PLATÃO - Os Pensadores, 2. ed. Abril Cultural, 1979;
- José Carlos Michelazzo - DO UM COMO PRINCÍPIO AO DOIS COMO UNIDADE, Heidegger e a reconstrução ontológica do real,– São Paulo: FAPESP: Annablume, 1999;
- Jostein Gaarder – O LIVRO DAS RELIGIÕES, 3ª reimpressão, ed. Cia Das Letras, 2000;
- Jostein Gaarder - MUNDO DE SOFIA , 9ª reimpressão, ed. Cia Das Letras, 1995;
- Lao Tse – O LIVRO DO CAMINHO PERFEITO, 11ª ed. Editora Pensamento, 2003;
- Roland Barthe – AULA, 10ª edição. Cultrix, 2002;
- William Irwin - MATRIX, BENVINDO AO DESERTO DO REAL, Ed. Madras, 2003.